

**JOÃO PEDRO FIGUEIREDO MAIA**

**LEITURA DE PADRÕES EM NISA-A-VELHA:  
AINDA UMA LINGUAGEM**

**Orientador: Professor Doutor Arquiteto João Filipe Ribeiro Borges da Cunha**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Escola de Comunicação, Artes, Arquitetura e Tecnologias da Informação - ECATI  
Departamento de Arquitetura**

**Lisboa**

**2019**

**JOÃO PEDRO FIGUEIREDO MAIA**

**LEITURA DE PADRÕES EM NISA-A-VELHA:  
AINDA UMA LINGUAGEM**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 19/06/2020, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação numero 154/2020 de 27 Maio de 2020, com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Pedro Filipe Coutinho Cabral D'Oliveira Quaresma

Arguente: Professor Doutor Alberto Flávio Monteiro Lopes

Orientador: Professor Doutor Arquiteto João Filipe Ribeiro Borges da Cunha

Vogal: Professora Doutora Catarina Isabel Santos Patrício Leitão

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Escola de Comunicação, Artes, Arquitetura e Tecnologias da Informação -  
ECATI Departamento de Arquitetura**

Lisboa

2019

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, pela educação que me deram para alcançar todos os meus objetivos, por estarem sempre ao meu lado e acreditarem em mim.

À minha mulher Ana, que sempre estiveste e estás ao meu lado, onde me apoias e ajudas em todos os momentos de vida.

Ao meu Professor e Orientador João Borges da Cunha, pelo exemplo de força e amizade que também me ensina e ajuda nos meus dias. Obrigado!

A todos os alunos de Arquitetura, com quem tive o prazer de crescer e aprender, que me ajudaram a alcançar o tema desta dissertação.

## **Resumo**

A “Boa Arquitetura” passa pelo conhecimento e a forma como olhamos o lugar ou a paisagem, mas por vezes a diferença é ainda mais profunda, e que passa pelo descobrimento de uma linguagem que está cada vez mais esquecida, tornando a arquitetura sem gosto, insípida em face das sociedades, cidades, pessoas e do próprio arquiteto. Ao observarmos cada local, este é moldado por vários fatores provenientes de uma sociedade/comunidade, consciente ou não consciente de si mesma, sejam estes religiosos, tradicionais, artesanais ou simplesmente pelo conhecimento passado de geração em geração.

À medida que o tempo contemporâneo avança, as gerações mais novas vão deixando este olhar de lado, tornando o mundo cada vez mais igual e sem alma, exaustos, destes lugares que outrora respiraram a cultura popular.

A Linguagem de Padrões é o elemento que imortaliza a arquitetura.

Palavras-chave: Linguagem de Padrões, Cultura, Alma, Lugar.

## **Abstract**

"Good Architecture" passes through the knowledge of the way we look at places and the landscape, but sometimes the difference is even deeper, which goes through the discovery of a language that is being increasingly forgotten and underseen, making the architecture as tasteless, as insipid towards what is the face of societies/communities, cities, people and the architect himself/herself. When one observes each place, it is shaped by several components coming from a society, conscious or not conscious of itself, might they be religious, traditional, craftmade, cruelty or simply by knowledge passed from generation to generation. As contemporary time goes by, younger generations are leaving this gaze aside, making the world ever more equal and soulless, away from these places that once breathed into popular culture.

Pattern Language is the element that immortalizes architecture.

Keywords: Pattern Language, Culture, Soul, Place.

## ÍNDICE

<b>Índice de Ilustrações .....</b>	<b>7</b>
<b><i>Introdução .....</i></b>	<b>9</b>
<b><i>O Padrão .....</i></b>	<b>11</b>
<b>Culturas complexas .....</b>	<b>13</b>
<b>Culturas simples.....</b>	<b>15</b>
Artesanato e Arquitetura.....	17
<b>Diálogo com a Paisagem .....</b>	<b>19</b>
<b><i>Linguagem de Padrões .....</i></b>	<b>21</b>
<b><i>Zoom In / Zoom Out [ Grande Escala/ Pequena Escala].....</i></b>	<b>23</b>
Escala dos Sentidos: Os Cinco Canónicos.....	23
<b><i>Identidade.....</i></b>	<b>26</b>
<b>Ankara Turquia .....</b>	<b>27</b>
<b>Espaço Intemporal .....</b>	<b>34</b>
<b>Nisa-a-Velha .....</b>	<b>37</b>
<b>Conceito base - Axis mundi .....</b>	<b>49</b>
<b>Padrões Antigos .....</b>	<b>59</b>
<b><i>Conclusão.....</i></b>	<b>61</b>
<b>Roteiro pela Sra. da Graça.....</b>	<b>62</b>
Ponte Romana .....	63
Muralhas.....	65
Acessos .....	67
Capela Nossa Sra. dos Prazeres .....	69
Igreja Nossa Sra. da Graça .....	71
<b><i>Bibliografia .....</i></b>	<b>73</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Tema Biennal de Veneza 2014 - "Fundamentals", Proposto por Rem Koolhaas.....	12
Figura 2 – Comparação de dois projetos antes e depois em Lisboa (Lapa), 2014 .....	13
Figura 3 - “Operários”, Ilustração de Tarsila do Amaral, 1933 .....	14
Figura 4 – Maria da Graça Figueiredo Amaro, Artesã de Nisa.....	18
Figura 5 – Master plan, projecto de ideias, Trafaria, 2017 .....	25
Figura 6 – Primeiro encontro, Materiart, Tobb etu, Ankara, 2018 .....	27
Figura 7 – Rua em Hulos, Ankara .....	30
Figura 8 – Procura e leitura dos padrões, Rua em Hulos, Ankara .....	31
Figura 9 – Resultado final Workshop Materiart .....	33
Figura 10 – Fotografia aerea com Localização dos Edificados .....	36
Figura 11 – Manuscrito do livro, Monografia de Nisa, J. Figueiredo, março 1989, 8 .....	37
Figura 12 – Implementação do castro de nossa sra. da graça, Nisa-a-Velha.....	38
Figura 13 – levantamento das ruínas estruturais do castro dos templários .....	40
Figura 14 – implantação da ermida da nossa sra. da graça .....	41
Figura 15 - Ermida da nossa Sra. da graça (hoje) .....	42
Figura 16 - Vista panorâmica sobre a paisagem da capela .....	42
Figura 17 - Chegada à capela.....	43
Figura 18 - escadaria de acesso à capela.....	44
Figura 19 - megaron próstilo – padrão fundador .....	45
Figura 20 - reinterpretção do templo romano no local da capela da nossa sra. da graça.....	46
Figura 21 - pilares à Entrada da capela nossa sra. dos prazeres.....	47
Figura 22 - vista oeste do por-do-sol junto à capela da sra. da graça.....	48
Figura 23 - Tecto da capela Nossa Senhora dos Prazeres.....	50
Figura 24 - Tecto de Uma das capelas presentes na capadócia - turquia.....	51
Figura 25 - Levantamento geológico, sra. da graça .....	56
Figura 26 - geometrização do local de Nisa-a-velha (atual nossa sra. da graça) .....	57
Figura 27 - enquadramento da albergaria com a paisagem .....	58
Figura 28 - vista panorâmica sobre o tejo - zona da restauração .....	58
Figura 29 - corredor de acesso aos quartos.....	59
Figura 30 - Entrada da Ponte Romana com vista para a Ermida de Nossa Sra. da Graça.....	63
Figura 31 - Início do caminho pela Ponte Romana .....	63
Figura 32 - Pormenores da Ponte 1 .....	64
Figura 33 - Pormenores da Ponte 2 .....	64
Figura 34 - Subida Pela Ponte Romana com vestígios das Muralhas.....	65
Figura 35 - Estrada construída por cima das Muralhas Exteriores .....	65
Figura 36 - Muralha Exterior.....	66
Figura 37 - Pormenor da Muralha Exterior .....	66
Figura 38 - Acesso Secundário para a Capela .....	67
Figura 39 - Acesso Principal de Pregrinação para a capela no Topo.....	67
Figura 40 - Chegada às Escadas da Capela à direita .....	68
Figura 41 - Vista para Nisa à chegada da Capela de Nossa Sra. da Graça.....	68
Figura 42 - Chegada à Casa do Pastor.....	69
Figura 43 - Entrada com os Pórticos, para a Capela da Nossa Sra. dos Prazeres.....	69
Figura 44 - Entrada para a capela dos Prazeres.....	70
Figura 45 - vista para o Exterior.....	70
Figura 46 – Tecto pintado em Têmpra da Nossa Sra. dos Prazeres.....	70

Figura 47 - Escadaria para a Capela de Nossa Sra. da Graça .....	71
Figura 48 - Vista lateral da Capela .....	71
Figura 49 - Vista do Interior para o altar da Capela de Nossa Sra. da Graça .....	72
Figura 50 - Pormenor do pavimento à Entrada da Capela de Nossa Sra. da Graça .....	72



## INTRODUÇÃO

### I- Problemática

Para um melhor entendimento do *padrão* referente à presente dissertação é importante esclarecer o *padrão* a que esta se refere. Pois não se refere a um padrão de imagem ou um padrão que se repete, mas sim numa dimensão única e mais profunda daquilo que se possa pensar da palavra, ou pensamento generalizado de uma simples imagem padrão, norma ou regulamento.

Ao longo dos cinco anos de estudo de arquitetura, esta linguagem veio ao encontro daquilo que me irá definir, enquanto arquiteto neste mundo cada vez mais globalizado, e com este tema que sempre me despertou atenção e curiosidade, questionando sempre o porquê de se fazer assim ou por que é assim ou não de outra forma. Pois só fazia sentido falar deste tema como trabalho final de dissertação, num encontro de ensinamentos que fui acumulando e aprendizagens a que fui exposto.

Enquanto arquitetos responsáveis não só pelo projeto em si, mas também socialmente, o nosso papel não pode passar apenas pela construção de quatro paredes e um teto, mas sim trazer de volta a *arte* que a arquitetura representa e a responsabilidade que acarreta com a população, num trabalho em conjunto, com o objetivo de poder ser vivida pelas pessoas e que possa ser estimulada por aquilo que cada vez mais é esquecido.

A cultura sempre pertenceu às pessoas, definida por crenças, arte, conhecimentos, hábitos e religiões. Um país pode ter várias culturas espalhadas por várias regiões e a *destraditionalização* é cada vez mais acentuada devido à força da modernização dos territórios. Consequência desta modernização leva à desertificação visível das cidades, vilas e aldeias do interior devido a estas atualizações.

Ela será sempre inevitável, caso haja perspectivas de futuro de uma região, mas observando e respeitando as marcas de tradições criadas pela população, podem ser “modernizadas” sem que a alma seja tocada, desde que haja harmonia entre todos os padrões existentes, a interação entre pessoas e toda a envolvente natural da paisagem e lugares.

O método, para além das questões normais, no que toca à procura da boa arquitetura, também questiona estes mesmos aspetos. Este questionar, visa a combater o choque de riquezas existentes de um lugar, visíveis ou invisíveis, chamada cultura.

## II- Metodologia

Descrição, pela analítica do construído a partir dos padrões característicos e presentes na paisagem fruto de cultura.

Comparativa – Compara realidades similares, provenientes de outras culturas que se relacionam, apesar dos diferentes caminhos culturais e religiosos e de um suposto afastamento geográfico.

## III- Objeto

Estas escolhas focam a realidade histórica de dois lugares até aos dias de hoje, que por mais que se encontrem em certos temas, estes, perto um do outro, chegaram a caminhos diferentes no que toca ao construído e à vivência dada pela população. Aqui a leitura dos padrões ajuda uma melhor perceção e entendimento dos edificados, e também ao conhecimento dos segredos que a paisagem oferece e, que por vezes, é ignorada para que novos padrões sejam introduzidos.

## O PADRÃO

O conhecimento destes padrões passa por um entendimento e exploração de todo um dom proporcionado pela interpretação do local, desde os sons, o próprio vento, árvores, calçadas, portas, vãos, animais e interações das pessoas com a envolvente natural. Estes levam ao encontro dos ideais para uma determinada intenção projetual, inserindo-se corretamente nos padrões existentes, naturais e sociais.

A procura destes padrões, enquanto indivíduo, tem a liberdade de os reinterpretar de forma livre e espontânea, desde que não saia da atmosfera envolvente composta ao longo do tempo pela população e que a liga harmonicamente ao *lugar*.

Esta harmonia com o lugar e tudo o que nele existe, só pode ser possível com um privilegiar das vidas locais e regionais, costumes, festividades e tradições, combatendo a *destraditionalização* e desertificação das povoações, deixando de lado temas como cidades-fantasma onde novos padrões foram criados mas não falaram a mesma linguagem dos velhos padrões existentes, por sua vez esta deixou de ter alma acabando por morrer sem quaisquer perspetivas de futuro.

Como iremos observar adiante, no estudo do lugar e reinterpretação territorial em foco neste trabalho, no caso da Albergaria Penha do Tejo, um complexo com vista panorâmica para o rio Tejo onde em tempos servia de paragem para aqueles que por ali passavam em visita às suas famílias. Hoje, ele é simplesmente ignorado por todos os olhares, deixado ao abandono e à serventia de quem o encontra.

O mundo, caminha cada vez mais para um tipo de arquitetura unipolar, onde não se fazem as leituras e correspondência dos novos padrões com os ancestrais. Esta torna-se assim numa arquitetura com uma só voz, proveniente de culturas, neste caso adormecidas, e por vezes, moribundas.

Recuemos um pouco aos ensinamentos tradicionais de um padrão incutido pelos antepassados, e pelas povoações mais antigas que nos deixam uma herança muitas vezes esquecida devido a vários fatores.



Figura 1 - Tema Biennial de Veneza 2014 - "Fundamentals", Proposto por Rem Koolhaas

Alguns arquitetos têm vindo a alertar para esta problemática, desta arquitetura unipolar que ignora as origens e a importância de quem habita essas origens e mantém delas uma memória viva e ativa. Christopher Alexander, um estudioso de renome, aborda alguns destes temas, divide-nos em dois tipos de culturas, chamando a atual de culturas complexas, conscientes de si próprias, e simples inconscientes de si.

## CULTURAS COMPLEXAS

Culturas ditas conscientes de si mesmas, que são ensinadas por meios metodológicos e tecnológicos o que muitas vezes não as deixa olhar para muitos temas e problemas importantes que têm a ver com o local onde estão inseridos estes indivíduos, deixando-os por resolver, e que mais tarde se manifestam de forma gritante no modo como foram mal tratados.

Esta complexidade, muitas vezes está no modo como estas sociedades estão formatadas para viver o seu dia-a-dia. Estas são conscientes de si mesmas, e devido às metodologias que lhe são implementadas, obrigam a que sejam praticadas ações equívocas, neste caso, em arquitetura, pela má leitura e interpretação dos locais e dos lugares, levando à má inserção do edificado e ao desrespeito por formas e soluções que constituem padrões ancestrais.



Figura 2 – Comparação de dois projetos antes e depois em Lisboa (Lapa), 2014

O Arquiteto como artista e senhor de responsabilidades para com a população, tem o dever de intervir sobriamente sobre uma paisagem. Paisagem esta inserida numa tradição. Este não poderá dar prioridade às suas excentricidades e caprichos de artista sobre uma cultura e tradição, este padrão novo nunca pode sobrepor-se ao padrão antigo, visto que se o fizer será quebrado todo um processo que vem de trás. O padrão novo terá de falar a mesma linguagem, adaptando-se ao padrão antigo pois só assim é que o padrão já existente se poderá atualizar sem que a sua alma seja tocada e distorcida.



Como cultura complexa consciente de si própria, podemos parar e pensar se devemos aceitar tudo como válido, no que toca à arquitetura, ou tomamos antes, uma posição a seguir e que alinhará com um padrão modernizado, mas antigo e eficiente.

Muitas das ações vividas por nós, cultura consciente, são banalizadas por um formato em série, isto quer dizer que tanto na educação, comunicação e na produção, esta é extremamente repetitiva nos nossos dias, são marcas da nossa sociedade moderna globalizada e descaracterizada. Por onde quer que se viaje, esta é igual, tornando a procura de cultura e tradições cada vez mais acentuada, mas à medida que os anos passam ela é cada vez mais escassa, como se algo de raro fosse procurado.

Um professor ao ensinar um programa ou tema, sempre de igual forma, sem nenhum toque do seu conhecimento e vivências pessoais, deixa com que seja banalizado matando a alma do seu conhecimento e da matéria em si, banalizando-a. Mesmo que este não concorde com o que está nos livros ele vai ser transmitido, tal como uma fábrica de produção em série, mas com defeito.

O erro vai sempre persistir caso não seja questionado enquanto erro.



FIGURA 3 - “OPERÁRIOS”, ILUSTRAÇÃO DE TARSILA DO AMARAL, 1933

## **CULTURAS SIMPLES**

Alexander chama de culturas simples (inconscientes) aquelas que resolvem um problema de forma quase intuitiva, o que leva a uma clareza na conceção com ensinamentos de tentativa/erro, sendo sempre instruídos pelos mais idosos.

Estas culturas, estão assim padronizadas pelas tradições que lhes são deixadas, construindo sempre da mesma maneira pois só desta forma é que conseguem construir/conceber, porque só assim é que foram ensinados a fazer, repetindo e errando vezes sem conta, aprimorando as suas técnicas até saberem como os mais velhos. Aqui, a existência de um padrão, sendo esta a sua definição cabal, é a manifestação de características ancestrais.

*Uma maneira certa, e uma maneira errada de construir*

Cada lugar é único e composto por variadas qualidades e características, o que levou cada aldeão, no caso das aldeias, a adaptar-se a este local, estudando-o de modo a encontrar a sua melhor relação com o lugar escolhido para alojar a sua família e os seus.

Nesta altura, cada casal recém-casado em algumas culturas, teria como destino uma casa, construída pelo esforço das duas famílias. Por vezes, estas não tinham muitos recursos económicos o que obrigava a que estas casas fossem construídas com os próprios materiais da terra. Constituíam-se uma equipa de construtores, cada um com o conhecimento genuíno das capacidades que o material existente e disponível acartava.

Estas casas feitas exclusivamente para cada família tornavam as vilas bastante estimadas, numa visão geral, pois foram pensadas ao pormenor, tudo com o seu devido tempo. Cada rua com a sua história, cada janela com a sua função e cada chaminé ou terraço com o objetivo específico de cada família.

Como observamos no artesanato, a população via o arquiteto como se de um artesão se tratasse, pensando duas vezes quando lhe era pedido para construir repetitivamente em materiais ou linhas ditas modernos, por exemplo.

Este sabia que a vila por ele construída, era fruto de um esforço conjunto arquiteto/população, e que a introdução de um novo material ou linguagem, teria que ser introduzido com cuidados diferentes daquilo que se pode observar em vários locais, acabando por matar a alma desta vila e conseqüentemente as novas gerações a desprezar aquilo que era um ritual de esforço conjunto, a construção de uma casa.



## **ARTESANATO E ARQUITETURA**

Muitas pessoas, acham o artesanato um fenómeno de baixa cultura e expressão de um certo atraso, mas no fundo charmoso, pois só onde este sobrevive se torna especial. Ao contrário do que se possa pensar, nós, cultura consciente de si própria, deveríamos repensar este tema de uma outra forma.

Como seria, o arquiteto, pedir a um cliente para desenhar as suas próprias portas e janelas dentro de um padrão tradicional?

Aqui, seria obrigado a pensar de maneira a ter de voltar e estudar as tradições do lugar onde se vive, dando-lhe um outro valor, o que conseqüentemente tornaria esta casa única em relação a todas as outras, pois, no fim, e num conjunto de várias construções com a mesma ideologia de poderem desenhar as suas próprias portas e janelas tradicionais, daria um local único, fruto de uma continuidade de tradições dos padrões antigos com os novos. Este local acaba assim por se atualizar introduzindo famílias jovens, sem que se perca a alma. Cada habitação expressaria a personalidade da família que ali mora. Algo que é feito com as mãos, agrada a todos aqueles que a apreciam pois transmite o humor com que foi feita. Um exemplo disto são os quadros de Jackson Pollock (1912-1956), onde o artista tem a capacidade de tornar a sua mente branca como se de uma tela se tratasse, deixando a sua mão voar dentro dela. Sem qualquer propósito pensado ou repetido, mas sim na procura de algo, um estado de espírito, como arte espontânea. Se Pollock, nos seus quadros tivesse pensado cada gesto espontâneo, nunca os teria assinado com traços únicos e genuínos, fruto de um estado de espírito ou humor. Aqui, o desafio será não agir pelo banal, “automático”, mas sim apaixonar-se pelo que se faz.



FIGURA 4 – MARIA DA GRAÇA FIGUEIREDO AMARO, ARTESÃ DE NISA

Cada particularidade, irregularidade ou mudança de cor é fruto de uma alteração do padrão por parte de quem o está a pensar e se ‘cansou’ de o repetir, tornando-o único. Em arquitetura este também acontece, ou acontecia, não propriamente com as mãos, mas sim quando o proprietário construía com os construtores, ajudando no transporte de materiais, dando sugestões e acompanhando o projeto da sua casa desde o princípio até ao último bloco de terra de adobe, por exemplo. Tal como Christopher Alexander aborda na explicação das culturas simples.

Estes métodos com muitos anos de aprimoramento levam-nos a repensar arquitetonicamente, e como cultura consciente a questionar, pois com materiais da terra e tradições presentes se conseguem resolver algumas questões complexas mais eficazmente.

*Com pouco se faz muito*

## DIÁLOGO COM A PAISAGEM

Ao observarmos um lugar, este primeiramente pertence a algo maior e importante e para a leitura dos padrões existentes do local são de uma importância extrema no que toca à arquitetura, pois é no enquadramento com o local que o arquiteto tem um papel fundamental, não só nas questões económicas mas também sociais de quem vive e dialoga com a paisagem de forma quase natural, para que assim todos os elementos observados possam dialogar de forma harmoniosa, tornando o lugar num sítio único podendo assim ser vivido de forma especial.

Este culminar de junção de pensamentos e padrões, só pode ser alcançado por uma boa leitura da linguagem existente e da interpretação da envolvente e do lugar, pois cada sítio ou lugar têm o seu padrão, inserido numa paisagem, paisagem esta com a sua linguagem. A paisagem torna-se assim numa pequena tela onde os arquitetos podem deixar voar e trabalhar, para que esta se torne num honrar de todos os padrões desta região, tradições e pessoas, alcançando a boa arquitetura.

Peter Zumthor também ele aborda a linguagem de padrões sendo a chave para o sucesso na arquitetura.

“Tudo o que fazes representa aquilo que realmente és, o pintor pinta com tudo aquilo que tem e isto é tudo o que ele aprendeu, fruto da sua cultura, ou seja, fazemos parte de uma história, fazemos parte de uma grande espécie de vida biológica, as pessoas progridem, no fim morrem mas novas nascem... É algo que gosto muito pois é daqui que nós surgimos, destas vivências, mesmo quando reagimos pelas nossas próprias intuições... Esta fantástica espécie de coisa que é ter “intuições”. Conseguimos criar imagens, conseguimos criar nas próprias imagens, como intervir, nós fazemos isto, mas também conseguimos fazer isto em devaneios que facilmente visualizas. Espaços reais, um espaço real e perfeito que nunca tinhas visualizado antes. Por isso o nosso cérebro consegue obviamente fazer coisas como estas. É algo com que estou a trabalhar. Tentar provocar a minha cabeça, pelo meu coração, para criar imagens, e isto acontece sempre. Estou um bocado entre o eu e o tempo, mas sempre com muita confiança. Sempre que viagem para algum lugar encontro uma nova paisagem, com uma nova tarefa ou objetivo e não existe nenhuma imagem, mas fico bastante confiante, pois eu sei que todos eles estarão lá e todos aparecem numa imagem surgindo como uma espécie de laboratório. A abordagem do “eu sei eu conheço” eu tenho que trabalhar esta paisagem com estas pessoas com um objetivo. A partir daqui e conhecendo estas pessoas eu conheço todas as armadilhas.” Entrevista, Peter Zumthor, “Diferentes tipos de silêncio”, 2015

Zumthor, nesta conferência consegue abordar as intuições de espaços que imaginamos como algo momentâneo, mas que precisa sempre de ser trabalhado. Ao visualizar uma paisagem as ideias vão surgindo para um propósito, mas sem um conhecimento das pessoas que ali vivem acabam por cair nas “armadilhas” de que fala, acabando por não dialogar com a paisagem e com os *padrões de cultura* ali existentes.

## LINGUAGEM DE PADRÕES

Opto por dar um exemplo testemunhado por mim, em ‘workshops’ dados pela universidade e que levanta algumas questões sobre estes métodos, a meu ver, importantes para a Arquitetura, como a leitura dos padrões que o lugar ou a paisagem nos mostra e fala, à medida que a interpretamos.

Local de intervenção, a Vila da Trafaria.

O grupo composto por seis alunos, três Portugueses e três Chineses provenientes da Universidade de Arquitetura de Sydney, Austrália.

(Falo deste exemplo pois são duas culturas conscientes de si mesmas ensinadas metodologicamente por regras, mas duas culturas que se diferenciam geograficamente e culturalmente, ligados num ponto comum, a arquitetura, Que curiosamente leva a pensamentos e modos de abordagens bastante diferentes, daquilo que se deveria esperar por alunos da mesma doutrina).

Numa primeira abordagem a este local, o grupo optou por seguir caminhos diferentes para uma liberdade de observação genuína de cada aluno, culturalmente diferente.

Esta observação passou pelos principais espaços públicos que eram imediatos a serem percorridos, e que chamaram à atenção por serem ocupados por edifícios abandonados, ali à vista de todos que os percorreram.

Mais tarde, na primeira reunião, e expondo na mesa as ideias trazidas do local, houve logo à partida um choque após a observação desta primeira abordagem de análise da Trafaria, trazida pelos alunos Chineses.

O grupo Português teve uma observação mais cuidadosa, identificando e aproveitando os edifícios abandonados, que se situavam em pontos estratégicos da vila, que se bem pensados e aproveitados, dando-lhe uma nova voz, iriam fazer a diferença para o desenvolvimento natural da vila.

*“A arquitetura também “fala”, isto é, contém uma mensagem, mas de um tipo totalmente diferente da poesia e da pintura. A comunicação contida numa obra arquitetónica encontra-se em estreita relação com uma função prática da obra; o edifício “significa” o fim a que se destina, ou seja, os processos e os atos que devem efetuar-se na sua obra, delimitando e constituída pela alvenaria...”*

Arquitetura e filosofia, Mauricio Puls, 530

Estes só se tornam novamente visíveis quando lhes damos uma função diferente à original, deixando a alma, mas com uma nova voz.

Ao contrário do grupo de Chineses, que observaram esta vila com um potencial de economia rápida, tais como a construção de casinos, fabricas, escritórios empresariais etc. o que levaria ao extermínio da vila, como se de uma terraplanagem se tratasse.

Aqui surge o choque, entre estes dois pequenos grupos de estudantes de arquitetura.

Por um lado, uma preocupação com a população local e por outro lado a crença nos “big projects and fast economy”.

A “luta” passou então pela explicação deste método errado de abordar um local, por uma leitura dos padrões existentes neste local mostrando que o povo que ali vive é único nesta região de Lisboa, um povo de pescadores sem grandes recursos económicos e que vivem praticamente do mar e do rio Tejo.

Uma pequena apresentação das linguagens culturais ali existentes foi necessária para a compreensão da vila e principalmente da população.

## ***ZOOM IN / ZOOM OUT* [GRANDE ESCALA/ PEQUENA ESCALA]**

Aqui um *zoom in zoom out* constante, foi importante para estas explicações, pois com um *zoom in* aos locais podem ser observados os comportamentos sociais, tradições, cheiros até mesmo sons característicos destes sítios/lugares, entrando aqui na pequena escala, inclusive da mão.

Um *zoom out* para que consigamos perceber muitas vezes a escala destas tradições, observando o crescimento e desenvolvimento da malha urbana ou trilhos que são criados pelas deslocações, pontos de encontros que se tornam em largos onde muitas vezes acontecem as festas tradicionais, celebradas sazonalmente e onde está presente a igreja até onde ruma a população.

Neste contexto de *zoom out*, podemos observar locais importantes para intervir e identificar locais que a população tem como referência central, como um eixo se tratasse, pois tudo se desenvolveu a partir deste, nomeadamente a praça da igreja, ponto de encontro todos os domingos, seguido do mercado, quartel de bombeiros e a casa do povo, que é palco de muitos convívios e interações sociais.

## **ESCALA DOS SENTIDOS: OS CINCO CANÓNICOS**

Aqui o desenho levou a registar os pontos e palavras-chave. Naturalmente levou os alunos Chineses a identificar os padrões deste lugar, sendo estes também iguais ao povo tradicional do seu país, mudando-lhes completamente a visão de um pensamento inicial equivocada para uma proposta bastante diferente, àquela que seria a abordagem mais fácil e imediata.

A importância no registo em esboços na procura dos Padrões existentes do local, leva-nos a observar ao pormenor cada elemento de que este é composto por exemplo: a pedra de granito antiga exposta e presente nas arestas/cunhais dos edifícios, as duas águas que estão presentes na maioria dos edifícios térreos desta região, as telhas de barro alaranjadas e as paredes brancas da cal.

Os vasos de flores presentes nas janelas, onde por vezes se vêem estendidos os xailes que as senhoras utilizam para ir à missa, alguns espaços que se abrem a seguir às ruas estreitas que nos leva ao largo da igreja, onde os homens jogam às cartas debaixo da sombra das árvores e falam do jogo de futebol da noite passada. Por fim o cheiro a peixe assado debaixo do sol de verão que nos convida a procurar o restaurante mais próximo, demonstrando a dependência da população pela pesca e dos seres marinhos que se reproduzem ao longo das margens do Tejo.

O som das ruas também nos deu alguns dos padrões existentes, o som das gaivotas por estarmos praticamente junto ao mar, o sino da igreja que nos diz as horas ao longo do dia, e até o fado, suave que se faz ouvir de uma das tascas junto ao largo da igreja.

Todos estes elementos juntos, na compreensão do lugar, mostrou-nos o modo como esta população vive os seus dias, e que seria algo bastante diferente daquilo que estaríamos habituados, pelo facto de lidarmos a maior parte do tempo com ambiente vivido na cidade:

Multidões compactadas dentro dos transportes públicos logo pela manhã, a confusão dos carros ao circularem pelas estradas, as ambulâncias de um lado para o outro, as pessoas que andam pelos passeios desordenadamente a falar ao telefone, etc.

Esta compreensão dos padrões, mudou a forma de ver este lugar, dando-lhe uma importância diferente da inicial, fria e crua, a partir aqui encaminhámo-nos todos na mesma direção para este trabalho, utilizando uma frase motora para este estudo.



*big things have small beginnings*



Figura 5 – Master plan, projecto de ideias, Trafaria, 2017

A leitura dos padrões existentes na Trafaria, encaminharam o trabalho para que fossem criados viveiros de mexilhão e de algumas espécies de peixes, com o objetivo de dar à população mais emprego e assim se pudesse desenvolver, atualizando-se à medida das suas necessidades.

## IDENTIDADE

Após o término deste ‘workshop’, esta leitura de padrões, tornou-se importante, o que se diferenciou do que é normalmente praticado, levantando uma questão:

*Será que nos estamos a esquecer de algo enquanto arquitetos?*

O pensamento foi dar um passo atrás, para pensar nesta importância da leitura do lugar com os padrões das tradições.

Mais tarde, e com um outro trabalho, fez com que estes pensamentos fossem “testados” num outro país, no âmbito de um outro ‘workshop’ Materiart promovido por um conjunto de universidades europeias com o seguinte tema:

### A Figura / The Figure

A figura, a meio oculta, a meio turva, a meio visível, a meio invisível .... Estamos todos escondidos em algum lugar ao longo do tempo, tocando cada pedaço do convés e do navio, estando no tempo do habitus ...

A figura está criando, formando, recriando, formando-se continuamente pelas forças do convés e do navio na atmosfera de seu habitus ... A figura existe com seu passado, com seu presente e com seu futuro; com sua formação formada pela escola do pensamento, pelas figuras de papéis, por sua personalidade, por outras figuras, por suas interações dentro de seu habitus. O habitus, que cria o baralho, que cria a figura ... Uma coisa imaterial nebulosa que se materializa como uma gota de chuva quando atinge um espelho ... Despeja os pedaços de sua atmosfera ... Lava a materialidade do processo, da época ... habitus cria a figura a partir de sua névoa, a névoa que continuamente evolui, muda, transforma e se recria com o fusível de novas figuras, com os traços das figuras passadas, com os transeuntes, com as quedas de as dispersões das figuras, visíveis e invisíveis, que estiveram lá material e imaterialmente através das seções do tempo. Como figura, estou ausente, oculto, mas, na verdade, estou implícito no habitus, pronto para ser retirado do habitus.

(Proposição do Workshop Materiart, 09 de Abril, 2018)

## ANKARA, TURQUIA

Alguns estereótipos foram criados, ao pensar como seria estar, conhecer e trabalhar num país bastante “diferente” daquilo a que estamos habituados, pela diferença de cultura e religião, o que acabou por se tornar numa surpresa assinalável.

Neste trabalho, um grupo composto pela grande maioria estudantes Turcos, dois portugueses, um Grego e um Alemão.

Achei curioso como iria trabalhar este grupo composto de estudantes oriundos de várias regiões diferentes da Europa, pois com a ideologia da linguagem de padrões iria ser interessante observar como seria a primeira abordagem ao local proposto para intervir por parte de cada aluno.

Uma primeira reunião, surge com o grupo e o Professor Martin Weischer, mentor deste grupo.



Figura 6 – Primeiro encontro, Materiart, Tobb etu, Ankara, 2018

Ao falarmos das experiências que cada um tinha tido no seu percurso académico, acabando por abordar o ‘workshop’ anterior feito em Portugal, realçando o modo de abordagem, pela observação e pensamento da leitura do lugar pelos seus padrões.

O professor acabou por falar e recomendar uma obra importante para este método, pelo autor Christopher Alexander, chamado *Pattern Language*, que se revelou muito útil, ao comprovar que esta leitura de padrões é importante, e não era nova, mas sim adormecida e cada vez mais esquecida.

Ao observarmos o mapa extenso de Ankara (*zoom out*), pude observar que a cidade se desenvolveu ao longo de enormes avenidas organizadas numa malha ortogonal, fazendo lembrar o Dubai, mas que depois se dispersa à medida que esta se espalha pelo território, foi assim feita a questão aos estudantes Turcos onde seria a parte mais antiga da cidade.

Onde nasceu Ankara?

Os alunos Turcos tiveram alguma dificuldade em identificar este local, pois a população turca tem por hábito esconder ou destruir o que é velho, como se tivessem vergonha das suas origens, preferindo esconder e modernizar tudo à sua volta, mostrando o seu poder económico, orgulhando-se disso.

Após alguma pesquisa, identificaram a região de Hulos, sendo esta a zona mais antiga da cidade.

Com esta pesquisa, notou-se que muito provavelmente os alunos turcos não conheciam a cidade tal como nós portugueses conhecemos Lisboa, o que foi bom, para uma genuína leitura dos padrões.

Foi então sugerido para se escolher três zonas da cidade, Hulos a mais antiga, um conjunto de bairros ao longo da Kazakistan cd. Road, onde vive a população de Ankara Adulta, a dita zona atual, e uma outra avenida chamada Eskesier Road, zona moderna da cidade e zona de intervenção.

O grupo foi então dividido pelas três zonas, com o objetivo de identificar os padrões tradicionais, sons, objetos e ambientes de cada zona, sendo que o grupo que estaria na zona moderna, Eskesier Road, iria identificar as problemáticas existentes neste lugar, pois esta não tinha nenhum elemento que identificasse algo que poderíamos dizer que estamos em Ankara.

Nesta zona modernizada, mostrou-se muito daquilo que é a pegada da globalização, sem identidade própria, tanto que identificamos alguns edifícios iguais aos que existem em Lisboa, Grécia, Alemanha. Esta zona moderna deixou de ter os padrões antigos das tradições de um país, até as cores deixaram de existir num lugar em que os tapetes coloridos eram expostos pelas ruas e as cores dos vitrais das mesquitas são refletidas pelo sol.

Em Hulos, pelo contrario, podemos identificar os Padrões antigos ainda existentes da cultura de Ankara, o chá servido nas ruas, os tapetes quentes ao sol debruçados pelos muros que nos levariam a uma mesquita, as orações pelas ruas antigas entoados pelos velhos altifalantes usados nas nossas manifestações, o cheiro das casas a iguarias e a móveis antigos, os edifícios construídos com adobe e madeira, alguns já em ruínas usados para arrumos, a calçada em pedra, e as iguarias que são vendidas em cestos de verga nos passeios das ruas com os preços em placas amarelas fluorescentes, para não falar dos famosos pátios turcos que vão aparecendo à medida que caminhamos, onde estão os barões de bigode negro, provavelmente a discutir política e a beber um chá por baixo da sombra promovida pelos tapetes a fazerem de toldo, e claro, as fotografias que vemos em todas as paredes do Presidente Erdogan ou do Ex. Presidente Ataturk.





Figura 7 – Rua em Hulus, Ankara, 2018





Figura 8 – Procura e leitura dos padrões, Rua em Hulos, Ankara, 2018

...*this is the gate*...

Tímeles way of building Christopher Alexander, 13, 1977

Neste momento, já teríamos identificado alguns elementos importantes para trazer de volta a *alma* de Ankara para a Eskesier Road.

Mais tarde, ao visitar alguns museus no centro da cidade, reparou-se no movimento caótico existente nesta parte da cidade, uma grande ‘desorganização organizada’ no seu funcionamento, nomeadamente dos táxis, autocarros, e das pessoas que percorriam as ruas, ao ponto de se poder perder uma carteira, e ao fim de duas ou três horas ser-nos entregue intacta com todos os documentos e dinheiro no seu interior. Para estas pessoas que vivem estes espaços, existe um certo sentimento de indiferença no que toca a arquitetura visto que deixou de ter a alma, os padrões antigos desta cidade que se existisse seria ‘adorada’ pelo seu povo e melhor estimada por quem vive estes lugares extremamente globalizados

Este padrão e modo como as pessoas vivem esta zona da cidade eram bastante diferentes daquela que se encontrou em Hulos, para não falar na Eskesier Road, zona moderna, onde somente as pessoas com dinheiro a usufruíam e a grande maioria não permanecia nestes espaços a não ser rodeados por um gradeamento em volta.

Ao reunirmos todos estes dados levou-nos ao que queríamos, trazer de volta os padrões antigos e tradicionais à Eskesier Road.

Locais de permanência, espaços verdes, pátios onde se pudesse beber chá, locais de venda tradicional, e os tapetes ao longo das ruas ou perto das mesquitas por ali espalhadas, isto tudo, numa passagem por cima da Avenida, como se de uma “capa” tratasse, demarcando a diferença de espaços e diminuir o grande ruído da cidade e grandes avenidas que por ali passam, tornando este espaço bastante mais agradável e com a nova *alma* das tradições e padrões culturais daquele lugar.





Figura 9 – Resultado final Workshop Materiart, 2018

## ESPAÇO INTEMPORAL

Após estes workshop's procurou-se explorar ainda mais sobre este método de abordagem, levando-me a um tema bastante vasto que é o da religião nas culturas.

Formas de pensar, agir, interpretar até mesmo a forma como abordam o tema de tempo, desde que nascem até ao momento de morte tornando por vezes alguns elementos intemporais.

Questionando: o que torna um lugar ou espaço intemporal?

Esta alma e voz que não se vêem, mas que sentimos ao viver/observar estes lugares, paisagens ou locais...

Cheiros, vivências, tradições, festas rurais.

Tanto podemos estar a falar de pessoas ou objetos, mas neste caso quero agregar todos estes elementos descritos anteriormente em arquitetura.

- Mas o que será então a *alma* de um lugar perante os *padrões* de cultura de uma sociedade?

Estas duas palavras passam muitas vezes ao lado das pessoas que vivem o espaço, pois por estarem de tal forma vulgarizadas nas nossas vidas que passam a ser o “normal” para elas, deixando de lhes dar importância à medida que os anos passam.

Passamos a ouvir frases como:

“no tempo em que os meus avós vinham para este lugar é que era bonito” ...

“este lugar tem o cheiro da casa dos meus avós” ...

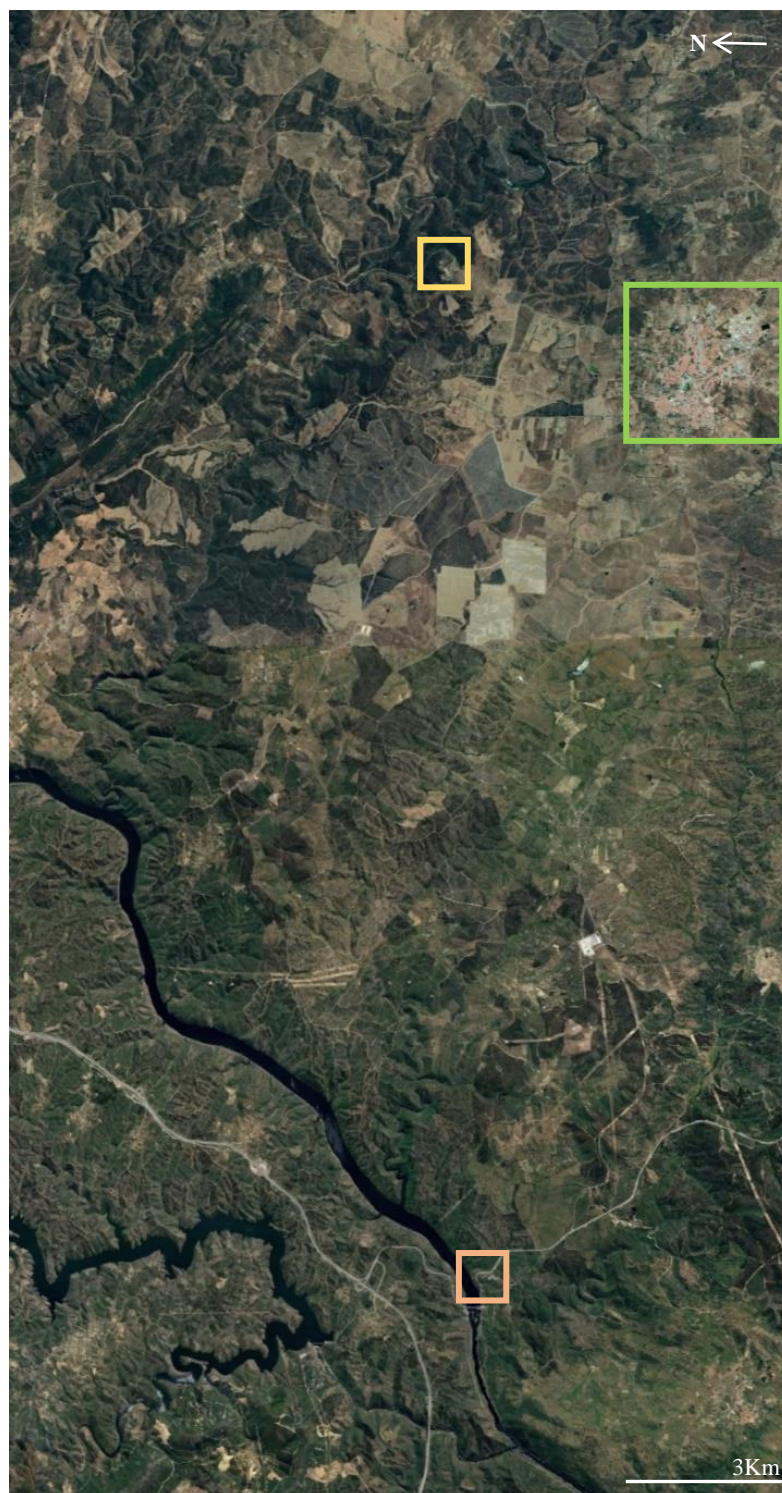
“foi ali naquele edifício que os meus pais se conheceram numa festa” ...

Com o passar dos anos os lugares realmente vão alterando e modernizando os seus modos de vida, devido a outros fatores que obrigam a procurar outros lugares, a maioria sem identidade, ou de difícil identificação cultural. Mas aqueles lugares deixam a sua *alma* para trás, o que nos permite sempre serem lembrados e vividos de outras formas.

O tempo de vida de um edifício, deixa marcas da sua passagem e com o seu envelhecimento natural, devido às intempéries do local e usos por parte da população é composto por vários elementos e características desta passagem do tempo. Todas as fendas que são observadas nas paredes, elementos metálicos que vão oxidando e o desgaste das pedras, são capítulos de um ‘livro’ que constituem as histórias de vidas pelo qual foram acontecendo. Não só representa um tempo passado, mas sim um tempo que passou e era vivido à sua maneira.

Para o caso de estudo se comparada dois locais, um deles a Albergaria Penha do Tejo, um complexo com vista panorâmica para o rio Tejo onde em tempos servia de paragem para aqueles que por ali passavam em visita às suas famílias. Hoje ele é simplesmente ignorado de todos os olhares, deixado ao abandono e a serventia de que o encontra. O outro um lugar que para muitos foi, e é um local de encontros e reencontros, memórias e esquecimentos, convivências e permanência, mas que ao longo da sua vida foi sendo alvo de várias alterações culturais, de proveniências várias, desde gregas a romanos, muçulmanos a cristãos, nunca se perdendo um estatuto de reverência e de adoração por este lugar, a ermida da nossa senhora da graça.





Albergaria Penha do Tejo —

Nisa —

Ermida Nossa Sra. Da Graça —

Figura 10 - Fotografia aérea com Localização dos Edificados

## NISA-A-VELHA

Falo de um lugar hoje conhecido por Sra. da Graça localizada a nordeste da atual Vila de Nisa sua antiga localização com o nome de Nisa-a-Velha.

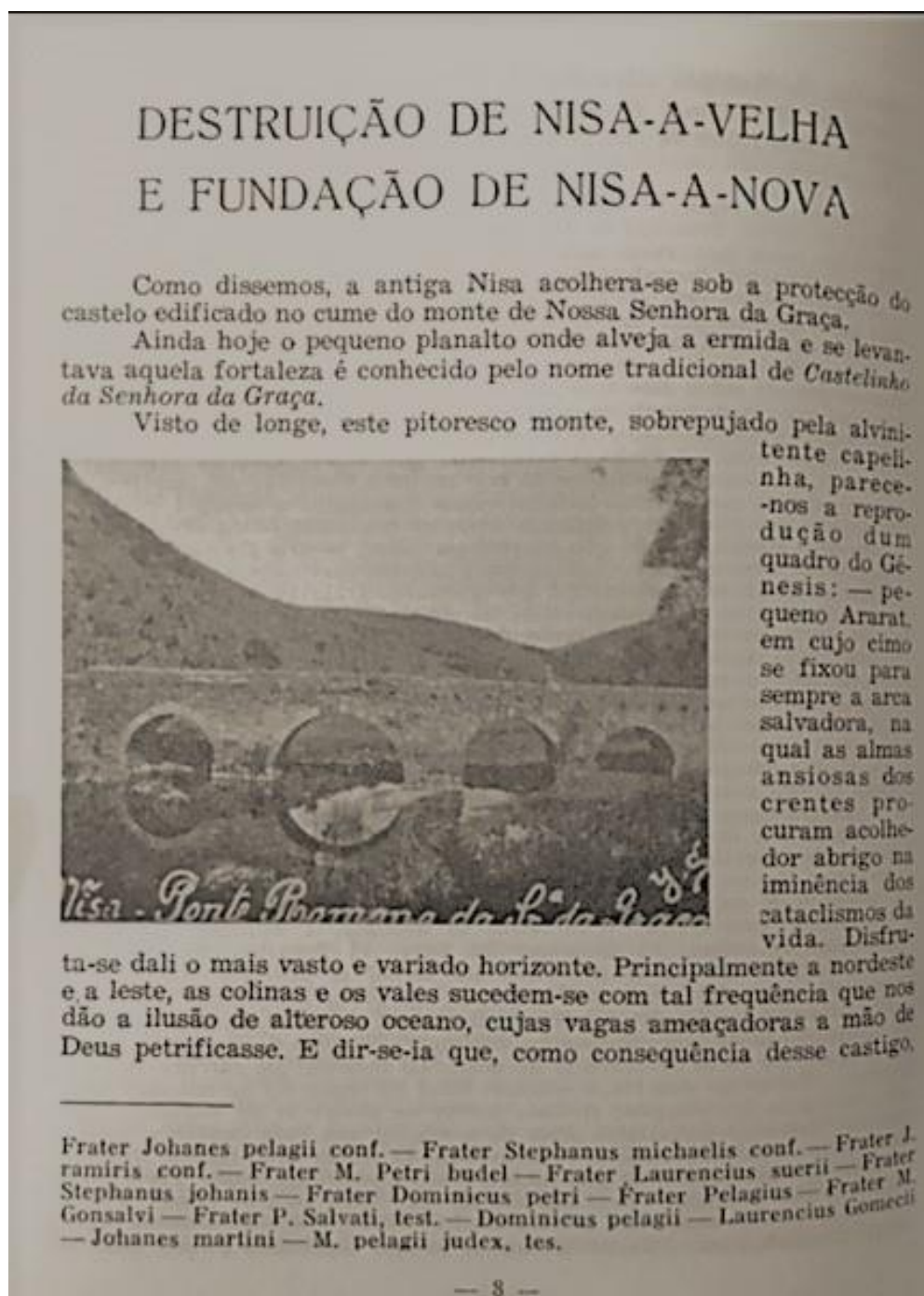


Figura 11 – Manuscrito do livro, Monografia de Nisa, J. Figueiredo, março 1989, 8

Atualmente ergue-se sobre um grande monte a capela de Nossa Senhora da Graça, cujo uso já serviu várias culturas, povos e comunidades, sempre com a mesma crença e devoção.

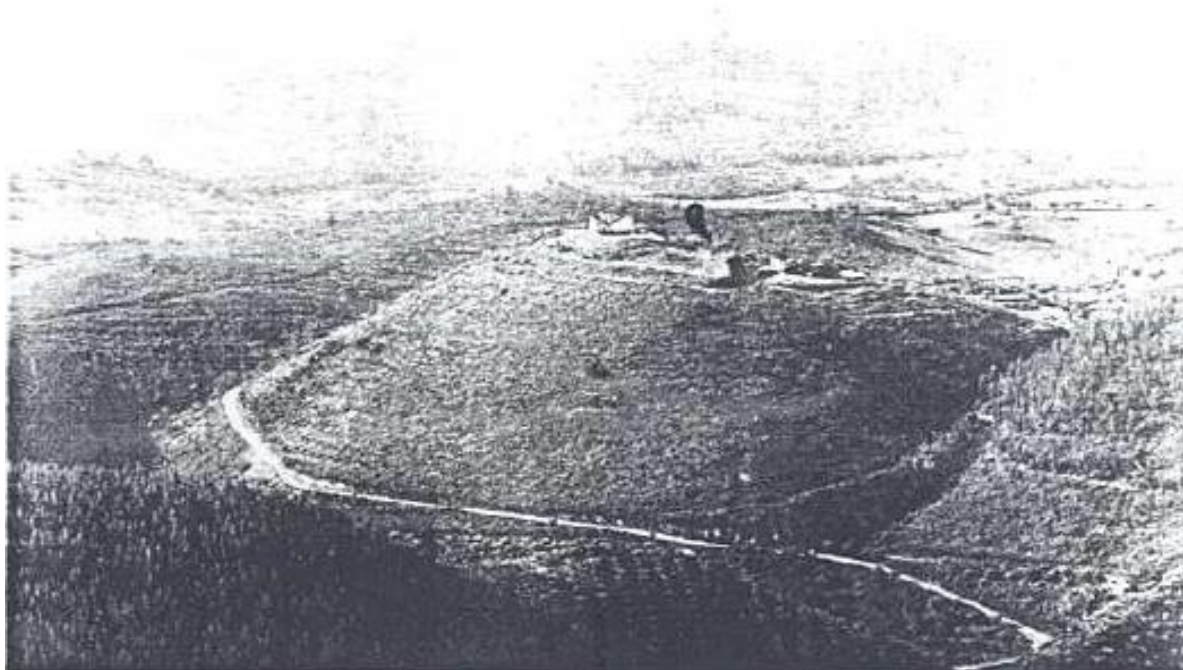


Figura 12 – Implementação do castro de Nossa Sra. da Graça, Nisa-a-Velha, s/d

Hoje, alberga anualmente, pela Páscoa, um dia de festa, convívio e reencontros, mas que vai perdendo a sua vida, à medida que filhos e netos crescem e deixam que tradições desapareçam.

Os habitantes mais antigos que tentam transmitir tradições aos mais novos, que por vários fatores da vida os obrigam a “esquecer” estes lugares que em tempos foram a origem de uma povoação, povoação esta que construiu a sua pequena vila dentro de muralhas que hoje ainda se encontram à vista destacando um dos muitos capítulos da história deste lugar. São alguns os historiadores que vão revelando ao longo do tempo o que foi realmente este local ainda antes de ser Portugal, sempre na linha dos registos antigos como a presença de um castro:



“A tudo isto alia-se a deteção de ruínas de estruturas de características defensivas que denunciavam ter existido ali um castro e, daí, o ser conhecido por “castelinho”. O castro deve ter sido romanizado pois, na área, têm sido encontrados tijolos (lateres), fustes de colunas e aras com inscrições votivas e, no estudo de etimologia do vocábulo Nisa, têm, alguns autores, referido a latinização de um outro de origem grega.”

Nisa, Origem e Desenvolvimento Urbano, 1993, 3

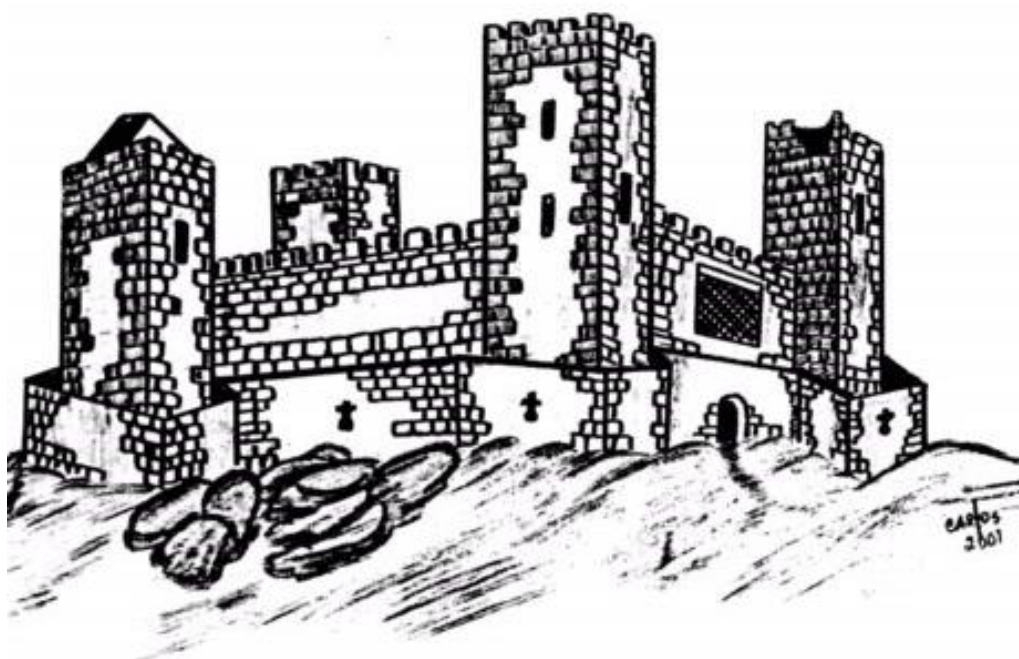


Figura 13 – Nisa – Castelo dos Templários (Séc.XIII), (Segundo um desenho de Duarte D’Armas, Séc. XVI)

Aqui os historiadores, chegam à conclusão de que muito provavelmente este “castelinho” terá sido uma preceptoria dos templários oriundos Nice, França, e daí o nome mais tarde de Nisa.

Ora uma preceptoria dos templários era uma união entre local militar, aqui o erguer das grossas muralhas, e um local religioso onde levariam uma vida monástica. Outra teoria, aqui ainda sobre a designação do local terá vindo do nome da proprietária destas terras que acomodou aqui os cavaleiros e com a sua morte estes fizeram questão que esta pequena aldeia se passasse a chamar Nisa.

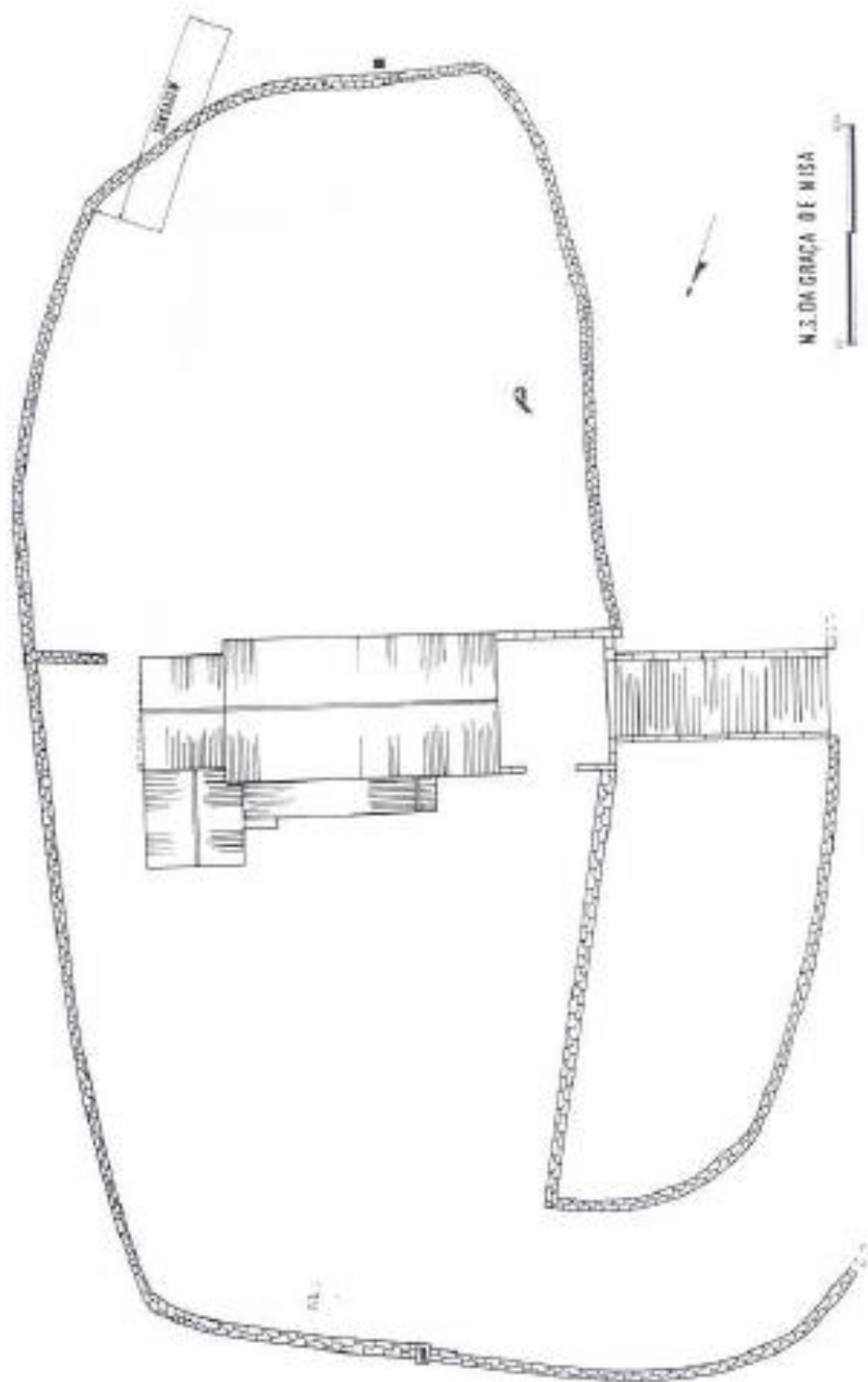


Figura 14 – Levantamento das ruínas estruturais do castro dos templários, s/d



Tal como Christopher Alexander aborda na sua obra, (*A Pattern Language*) estes padrões são identificados para que seja uma base de algo a seguir e a prosseguir. Na obra Alexander reconhece 253 padrões, para que a partir daí seja mais fácil abordar um sítio ou pensar nele, apesar de que cada indivíduo tem o poder de identificar o seu próprio padrão, numa atitude personalista e baseada em perspetivas pessoais e coletivas.

“(…) As pessoas podem moldar edifícios para si mesmas, e fazem isso há séculos, usando linguagens que eu chamo de linguagem padrão. Uma linguagem padronizada dá a cada pessoa que a usa o poder de criar, uma variedade infinita de novos e únicos edifícios, assim como sua linguagem comum lhe dá o poder de criar uma variedade infinita de sentenças. (...) Estas linguagens de padrão não se limitam a aldeias e sociedades agrícolas. Todos os atos de construção são governados por uma linguagem padrão de algum tipo, e o padrão no mundo está lá, inteiramente porque eles são criados pelas linguagens padrão que as pessoas usam.”

Christopher Alexander, *Tímelles way of building*, 1977, 11

Aqui, ao observarmos a localização da capela, mostra que este local é portador de um ambiente diferente de outros. Uma adoração por este lugar que outros edifícios não conseguem igualar fruto da harmónica evidente entre paisagem e arquitetura.



Figura 15 – Ortofotomapa com a implantação da ermida da Nossa Sra. da Graça, 2019



Figura 16 - Ermida da nossa Sra. da Graça, 2019

Em tempos serviu de ponto de vigia, pois era aqui uma das portas de entrada em Portugal, a primeira fronteira contra os invasores Espanhóis. Construída no cume de um monte, esta é privilegiada com uma vista panorâmica para Norte, Este e Sul de Portugal.



Figura 17 - Vista panorâmica sobre a paisagem da capela, 2019





Figura 18 - Chegada à capela, 2019

Este lugar também relembra outros tipos de padrões, que em tempos terão aqui permanecido nomeadamente da estilística românica, pelo pavimento em lajes maciças de pedra, e a ponte romana que atravessa uma pequena ribeira que ali se encontra, a chamada Ribeira de Nisa.

Nesta altura construía os seus templos no alto destes montes para estarem mais perto dos deuses que adoravam ou protegiam estas terras.

A capela apresenta uma geometria muito similar à de um santuário romano que em tempos estaria construído no mesmo local, mas com a chegada dos templários, este já degradado, acredita-se ter sido reconstruído pelos padrões cristãos e se ter transformado na capela até aos dias de hoje.



Figura 19 - Escadaria de acesso à capela, 2019

Código Cultural em unidade quadrangular, padrão (1)x(1)

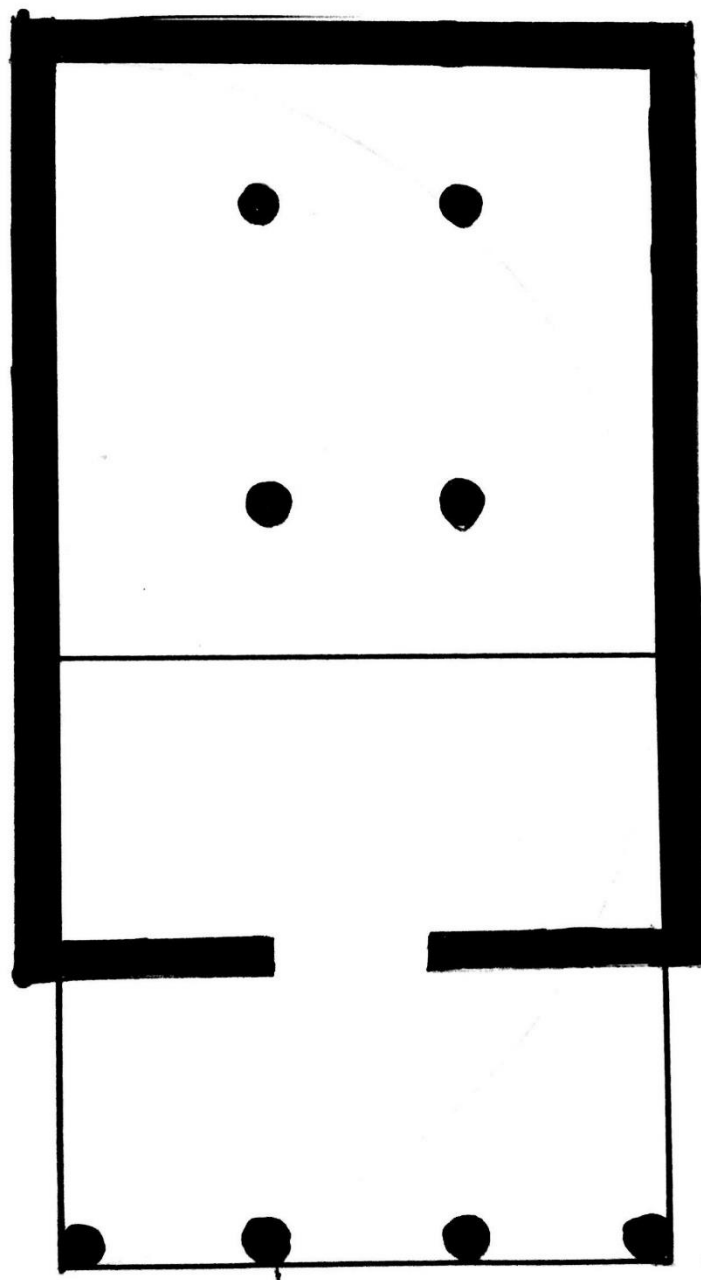


Figura 20 - Megaron Próstilo – padrão fundador





Figura 21 – Fotomontagem de reinterpretação do templo romano no local da capela da Nossa Sra. da Graça

As colunas no interior do templo talvez sejam aquelas que se encontram à entrada da capela da nossa senhora dos prazeres junto à casa do pastor mais a baixo, faltando apenas um dos três que lá se encontram.



Figura 22 - Colunas à entrada da capela nossa sra. dos prazeres



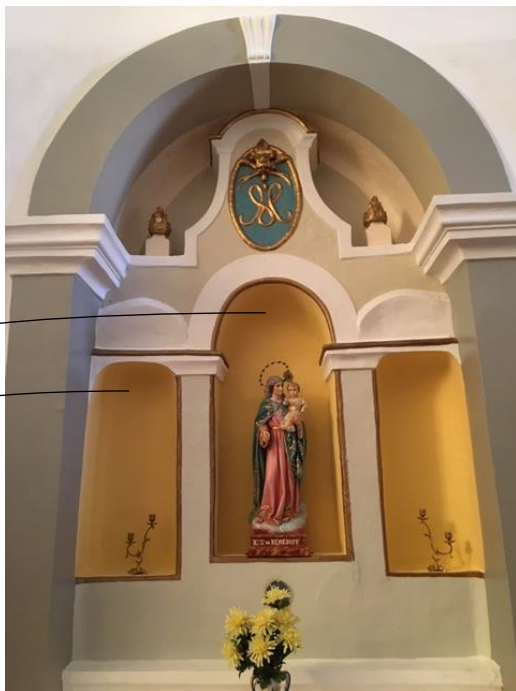
Figura 23 - Vista Oeste do pôr-do-sol junto à capela da Nossa Sra. da Graça, 2019

É aqui que a linguagem de padrões se começa a manifestar e a mostrar os seus segredos. Para aqueles que visitam este lugar começam a revelar padrões que se encaixariam dentro desta linguagem, e ajudam a perceber melhor o que foi, o que é, e o que será o futuro deste lugar, adorado por muitos, mas que gerações mais novas ainda o tentam perceber.



No interior podemos observar pormenores que ajudaram esta capela a ser adorada, nomeadamente o trabalho das ombreiras dos arcos. Feitas à mão, estas demonstram bem a apreciação dos construtores por este lugar sagrado. Tal como se de artesanato se tratasse feito com o objetivo de ser passado de geração em geração.

Os altares laterais, que acolhem os santos da capela, revelam alguns vestígios que nos levam para traços e características muçulmanas.



Calote Cilíndrica representando a proteção da abóbada celeste e do poder divino

Calote esférica representando a proteção de uma mente sagrada



Arco contracurvado com representação do pico/cume divino



Simulação de Porta lateral Cristã

## CONCEITO BASE - *AXIS MUNDI*

A procura e a conjugação dos padrões antigos, levou ao encontro e um olhar diferente para o modo com que este foi pensado. Encontrar o conceito deste novo padrão.

Este encontro do conceito base do lugar, o conceito de *axis mundi*, coincidiu com todas as peças deste ‘puzzle’, como uma das chaves que Christopher Alexander aborda na sua obra e um dos segredos que Peter Zumthor refere na sua conferência, não deixando cair nas armadilhas escondidas do local.

Os comportamentos tradicionais de um povo têm sempre, ou quase sempre, como ponto de partida uma religião, um centro. Desde o desenvolvimento de uma aldeia, às tradições que são vividas e passadas de geração em geração, até à educação que cada um, vai adquirindo ao longo do seu crescimento. É este ponto central, a base, é uma das chaves para a observação dos antigos padrões que queremos desvendar, ler e alcançar.

Articulando com a arquitetura, este ponto, eixo, muitas vezes é relacionado com um local sagrado, uma igreja, mesquita ou templo, um ponto central que se propaga naquilo que é o desenvolvimento de uma aldeia, vila ou cidade.



Figura 24 - Tecto da capela Nossa Senhora dos Prazeres

É na capela da Nossa Senhora dos Prazeres que podemos observar padrões antigos e comuns a muitas outras culturas. As representações em Têmpra, presentes no teto desta capela vão ao encontro da criação de uma centralidade/polaridade com a presença da cruz de cristo.

Este eixo central imaginário, é, portanto, o local onde o mundo espiritual e o mundo material se encontram, e direcionam um rumo ou uma decisão para a cultura que o encontra ou constrói, tornando-se na sua morada. O centro a partir do qual se desenvolve uma sociedade/comunidade.

Este “ponto” é constituidamente originário de todas a formas existentes sejam elas de origem animal, mineral ou humana, onde muitas tradições o consideram como o centro do mundo, dirigido pelas quatro direções, Norte, Sul, Este e Oeste.

A simbologia presente da cruz de cristo também é observada nas pequenas capelas da Capadócia visitadas no *workshop* em Ankara.



Figura 25 - Tecto de uma das capelas presentes na Capadócia - Turquia



A centralidade destes elementos, por vezes é representada por várias simbologias ou significados, nomeadamente em civilizações antigas como a Azteca, por exemplo, particularmente pelo significado de dois animais, a águia e a serpente, a águia representa o Sol, as forças do céu e a serpente as energias da Terra.

Os Aztecas ou os Kukucan da civilização Maya, anualmente também tinham o mesmo padrão existente em Nisa-a-Velha, onde se reuniam num lugar onde forças se encontravam, representado por um grande edifício central, geralmente uma pirâmide quadrangular, local de crença e adoração, o *axis mundi*, destas civilizações.

Também locais compostos por grandes menires, formando um círculo com uma pedra circular no meio, serviam de local sagrado e observatório para várias sociedades na idade do bronze, onde aqui também era representando um exemplo de *axis mundi*.



Figura 26 - Casa de Alá – Cúpula central da Mesquita, Ankara



Figura 27 -Casa de Deus – Igreja redonda do Convento de Cristo Tomar

Estes padrões comuns, repetem-se por todas as culturas onde na arquitetura se observam e se conseguem diferenciar, devido ao clima, materiais disponíveis ou religião, mas que, no fundo, todos se ligam e relacionam.

As comunidades ao assumirem uma morada, como o indivíduo, assumem a partir daí a criação do mundo que escolhem habitar, vão-se criando costumes próprios devido ao local. Gerando-se o artesanato característico que só aquele local e pessoas o podem gerar, também a partir das vivências e da criatividade do povo se vão desenvolvendo, das referências sagradas que aquele ponto inicial gerou.

Estes comportamentos que vão sendo adquiridos ao longo do tempo, estruturam estas sociedades tradicionais que transformam o local como se de artesanato se tratasse, moldando-o e tornando-o do povo, daí os locais serem por vezes portadores de uma *atmosfera* única que faz com que os seus visitantes se lembrem que ali existe algo de especial e que as faz voltar e até um dia permanecer.

As habitações, por atribuições únicas do local, e da devoção que existe em volta, estas também se tornam sagradas, compondo um *imago mundi*.

Mircea Eliade, na sua obra *Sagrado e Profano* fala nestes padrões comuns, que se observam em várias culturas, independentemente da religião.

*“Seja qual for a estrutura de uma sociedade tradicional – seja uma sociedade de caçadores, de pastores, de agricultores, ou uma sociedade que já se encontre no estádio da civilização urbana, a habitação é sempre santificada, porque constitui uma imago mundi e o mundo é uma criação divina.”*

Eliade, *Sagrado e Profano*, 2016, 52.

Sendo o homem o centro do universo, na cosmogonia das várias religiões, o seu lar é o centro, e este sendo um espaço sagrado, todos os outros se expandem e desenvolvem em torno dele.

Nas civilizações tribais, utilizam os totem como ponto central sagrado, como Eliade aborda na sua obra, os australianos Achilpa, servem-se deste eixo (poste Kauwauwa), para tornar o território em sua volta habitável, tornando-se no seu *axis mundi* e caso este se quebre, toda a tribo fica sem um rumo próprio, onde por fim se sentam no chão em torno deste e se deixam morrer, como se a terra tivesse deixado de ser habitável.

O templo, um *axis mundi*, construído na maior parte das vezes no cume de um monte, faz a ligação entre o céu (os deuses) e a terra. Os rituais impostos aos fiéis consistiam muitas vezes em caminhar em volta do edifício numa direção estabelecida pela topografia, de forma a passar por cada etapa, ou seja, uma romaria definida pelo sagrado. Um dos exemplos que podemos abordar é o da Acrópole, construída sobre um penhasco e constituída por vários templos em torno do Partenon.

*“Na Acrópole ocorria a cada quatro anos a procissão das Grandes Panatenéias, cujo percurso majestoso o friso do Partenon retrata, que contava com a participação de toda a população de Atenas. Um véu bordado por donzelas era oferecido à deusa nessa ocasião.”*

Ricardo Luiz de Souza, *Festas, Procissões, Romarias, Milagres*, 46

Também nas ilhas do Egeu, eram praticadas peregrinações ao templo dedicado a Afrodite abrigado pela ilha de Cítera, onde em tempos foi paragem obrigatória dos marinheiros e amantes do amor.

O templo é assim visto como um cronograma, que simboliza e controla o sagrado a cada ano, moldando-se ao *topos* do universo em volta deste mundo, ele é o centro ideal e organizador deste espaço.

Nisa-a-Velha, também é composto por este eixo, a capela da Nossa Sra. da Graça, que tal como o templo faz a ligação entre o céu e a terra, onde também neste, todos os anos é lugar de um ritual, que consiste em descer em volta da capela até à casa do pastor onde se alimentava a população de Nisa-a-Velha voltando a subir para terminar a peregrinação sagrada para estes que outrora ali permaneceram e fizeram daquele lugar o seu mundo

Cidades muralhadas representam um mundo cercado pelos encadeamentos de montes e montanhas, algo que se verificou no *workshop* da Turquia, onde a população também vive dentro de vedações.



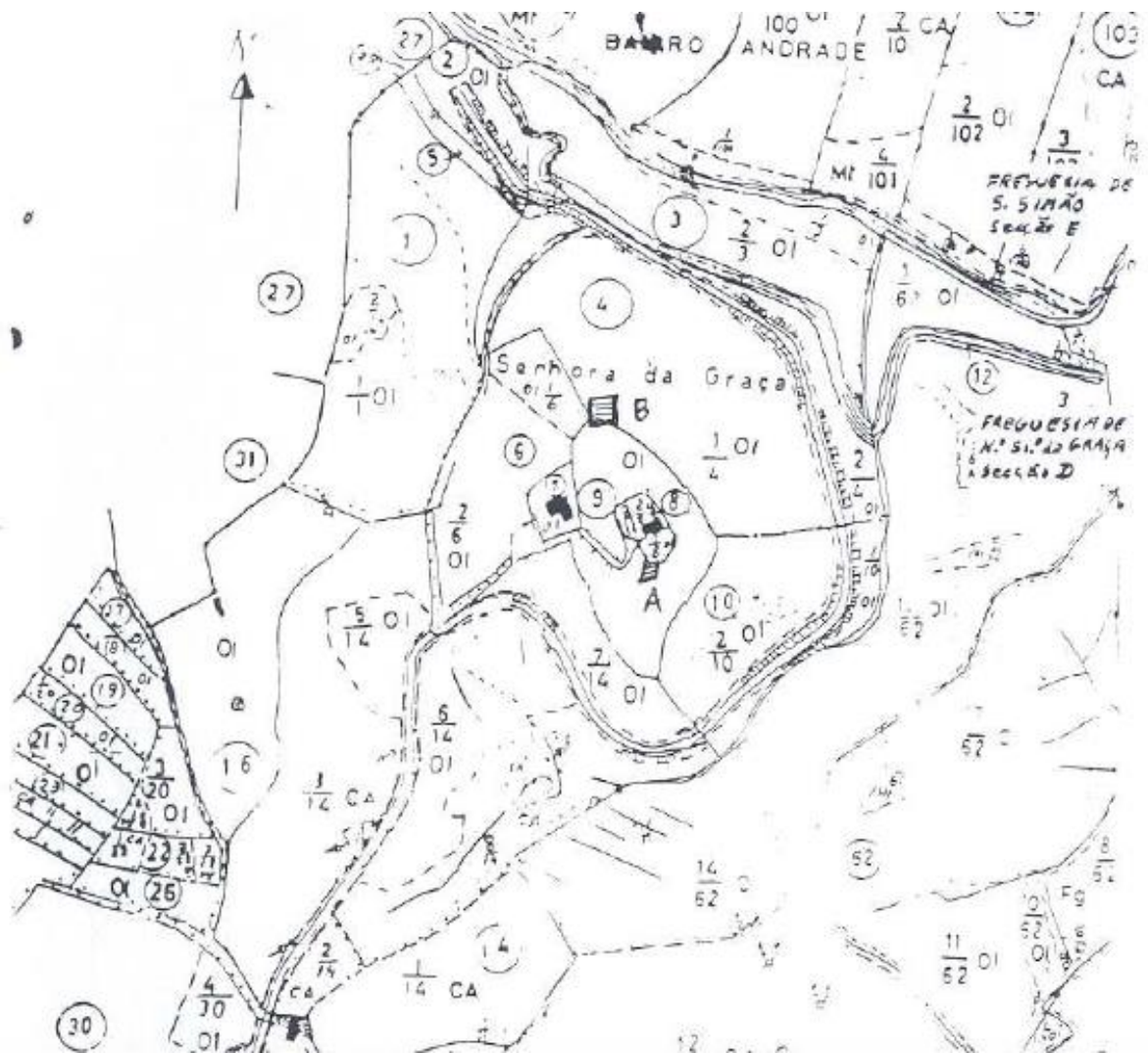


Figura 28 - Levantamento geológico, Nossa Sra. da Graça, s/d



*“O quadrado construído a partir de um ponto central é o imago mundi. A divisão da aldeia em quatro sectores – que implica aliás uma partilha similar da comunidade – corresponde à divisão do universo em quatro horizontes. No meio da aldeia deixa-se muitas vezes um espaço vazio: ali se erguerá mais tarde a casa cultural, cujo telhado representa simbolicamente céu (em certos casos, o Céu é indicado pelo cume de uma árvore ou pela imagem de uma montanha). ... Trata-se, em suma, de uma ideia arcaica e muito espalhada: a partir de um centro projetam-se os quatro horizontes nas quatro direções cardeais. O mundus romano era uma fossa circular, dividida em quatro; era ao mesmo tempo a imagem do cosmos e o modelo exemplar do habitat humano. Sugeriu-se com razão que Roma quadrata deve ser entendida não como tendo a forma de um quadrado, mas como sendo dividida em quatro.*

*O mundus era evidentemente assimilado ao omphalos, ao umbigo da Terra: a cidade (Urbs) situava-se no meio do orbis terrarum. Foi possível mostrar que ideias similares explicam a estrutura das aldeias e das cidades germânicas. Em contextos culturais extremamente variados, reencontramos sempre o mesmo esquema cosmológico e a mesma encenação ritual: a instalação num território equivale à fundação de um mundo.”*

Eliade, *O Sagrado e o Profano*, outubro de 2016, 48,49.

Estas civilizações que ali passaram deixaram a sua marca pelas muralhas que por ali se encontram semi-desenterradas serpenteando em volta deste ponto central, onde se encontra hoje a capela. A partir daqui, deste alinhavar de padrões antigos, o novo padrão poderá ser assim inserido neste lugar, seja qual for a intenção de projeto, podendo assim ser modernizado, dando-lhe novos usos em torno deste ponto central de crença e devoção.

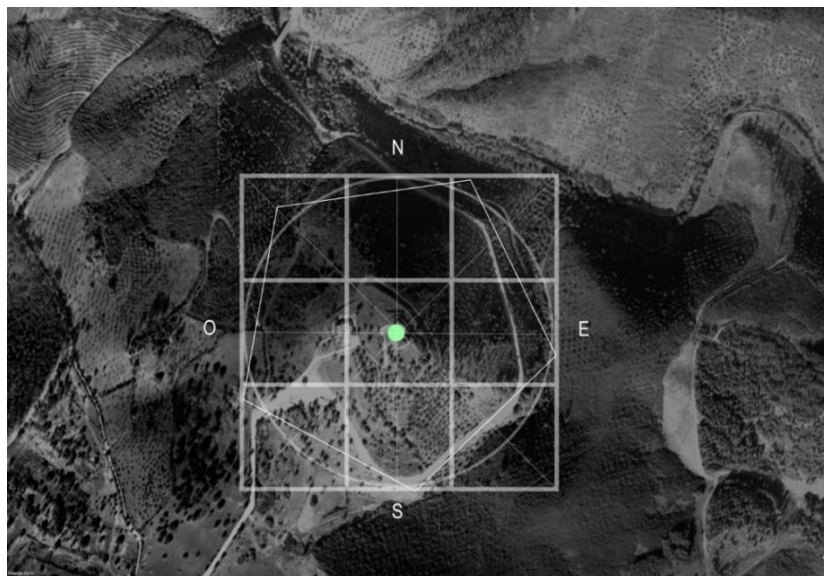


Figura 29 - Geometrização do local de Nisa-a-Velha (atual Nossa Sra. da Graça)

Para que não seja só motivo de visitas uma só vez por ano, como a introdução de um pequeno novo padrão, a estima em torno deste lugar especial torna-se diferente, dando-lhe novos motivos para voltar.

Ao contrário da Albergaria da Penha do Tejo, uma construção muito mais nova, e “usufruída” enquanto novidade. Aqui a introdução de padrões novos não foram ao encontro dos que lá existiam, acabando por matar a sua alma, pois estes novos padrões não reconheceram e dialogaram com a paisagem que ali se encontra, acabando por se tornar uma construção perdida no tempo.

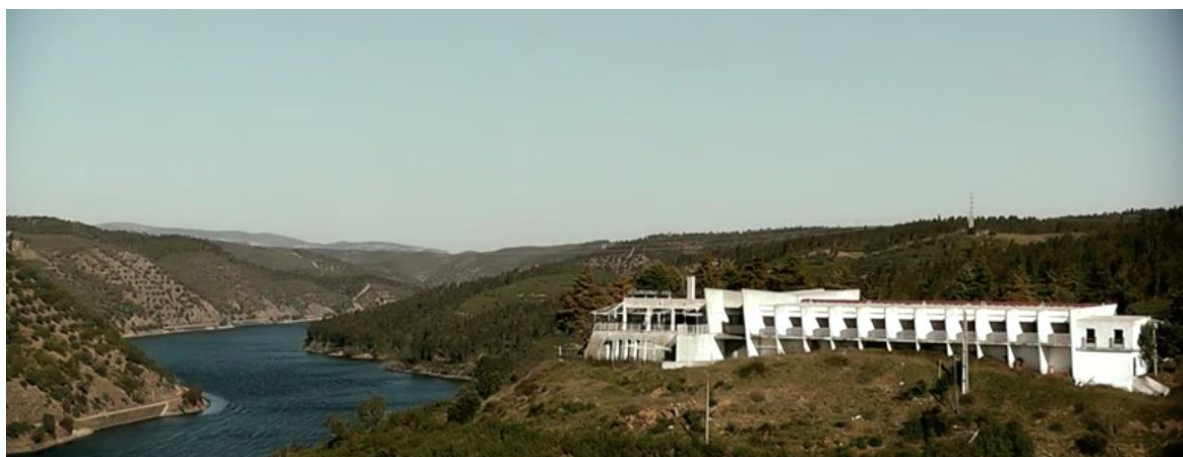


Figura 30 - Enquadramento da Albergaria com a paisagem, 2019



Figura 31 - Vista panorâmica sobre o Tejo - Zona da restauração



Figura 32 - Corredor de acesso aos quartos

Este lugar por ter linhas ditas modernas que poderiam ser feitas em qualquer parte do mundo, este padrão novo não se conseguiu emoldurar dentro do quadro que a paisagem oferece. A população cada vez mais procura a cultura que não encontra nas cidades, e aqui também ela não se encontrou deixando a sua alma morrer à medida que este deixava de ser novidade.

Já a ermida da Senhora da Graça, é visitada pelos que procuram os padrões de uma cultura que por ali passou e que tenta pela contemporaneidade ser introduzida por novos padrões e usos para que esta seja mantida e estimada, dando assim continuidade à sua história.

Um lugar que para muitos que ali passam e o visitam, diriam que tinha tudo para continuar vivo.

A vista panorâmica sobre o rio, a comunhão do Tejo entre o vale, a constante ligação com a natureza, piscina, campo desportivo e hospedagem para pelo menos 50 pessoas, os seus únicos moradores são os pássaros que por ali se ouvem ecoando os corredores vazios que são preenchidos pelos vidros partidos das janelas que davam vista para o restante Alentejo calmo e sereno. Por serem as portas do Alentejo davam as boas vindas a todos aqueles que por ali entravam e paravam para descansar da sua viagem.

## **PADRÕES ANTIGOS**

As leituras de todos os padrões sobre a paisagem e a vila de Nisa, sempre com o intuito de ir ao encontro dos padrões antigos, um texto de José Dinis Moura, reforça e identifica, com os cinco canónicos os padrões de uma tradição que os habitantes de Nisa, praticam no local que abordo, onde por breves momentos podemos viajar, cheirar e até sentir este local nas nossas mentes pelo qual ainda não conhecemos.

*“As “caianças” estão feitas, mas o “corre corre” continua. Os fornos estão a arder. No ar paira o cheiro a bolos fintos e queijadas alinhadas no tabuleiro, os “lagartos” e as “freiras” espreitam, com os seus olhos de feijão, as brincadeiras da garotada. As tigeladas ficaram boas, não ganharam “pé”. O vinho da melhor talha está guardado. Os borregos e os cabritos aguardam o sábado são a matéria-prima do ensopado.*

*São os preparativos!*

*Segunda-feira trancam-se as portas e “vai-se” à “Senhora da Graça”*

J. Moura, *Nisa - Origem e Desenvolvimento Urbano*, 1

## CONCLUSÃO

A arquitetura que antigamente começou por ser marcada por traços e rigor construtivos bastante formais, e estes como arte, nos dias de hoje não pode descartar o que é antigo. A revitalização na procura das coerências dos padrões antigos com os novos, procura dar uma nova oportunidade àquele edifício ou lugar que em tempos foi escrevendo a história de muitas regiões e populações, compondo aquilo que são tradições, artesanatos, dialetos, uma cultura.

Repensar e reinterpretar o novo padrão, dentro dos padrões existentes do local, incontornavelmente liga a paisagem, lugar ou edifício às suas culturas, ajudando à procura de conceitos base para a conceção de projeto, como podemos observar em Nisa-a-Velha e o conceito do *axis mundi*.

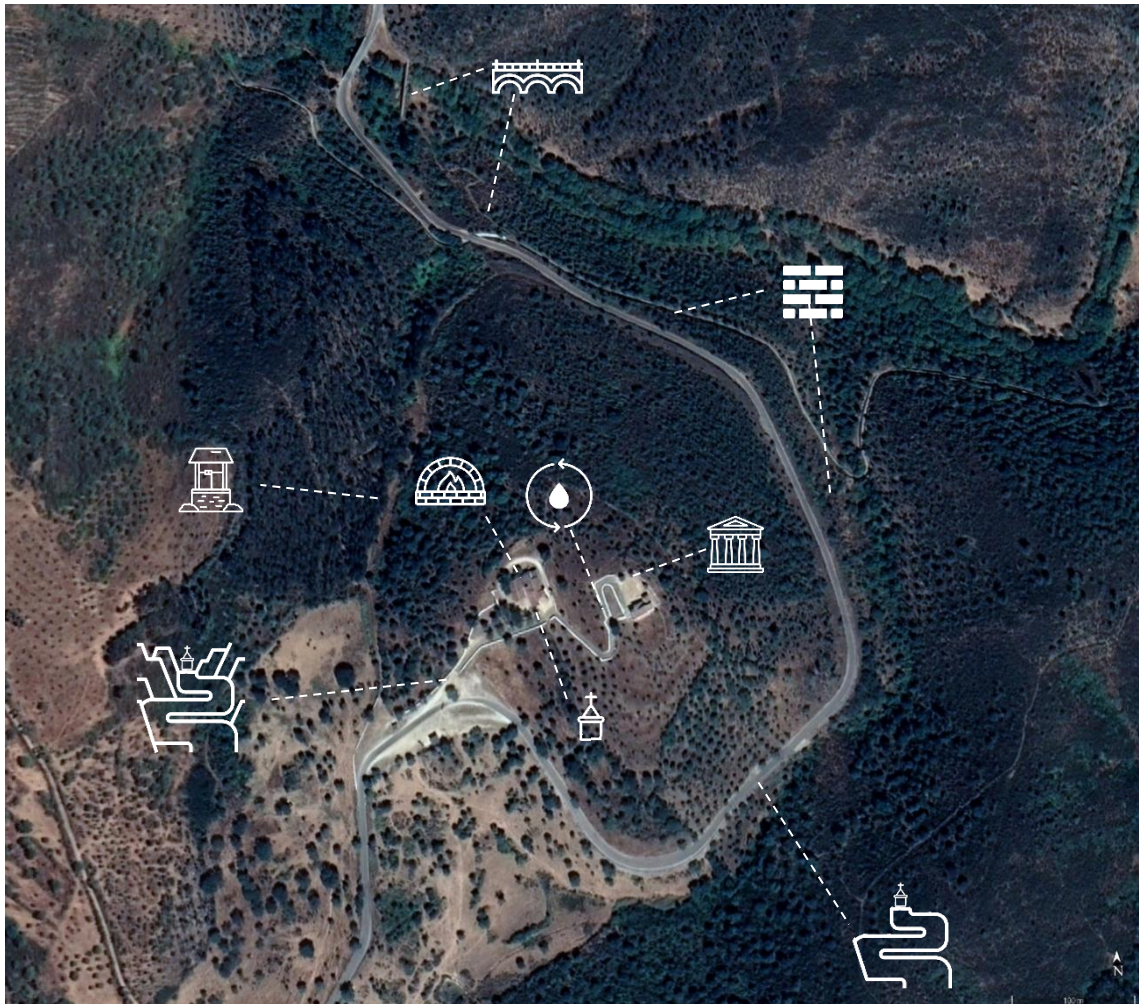
Este local conhecido por muitos que o vivem, é ponto de encontro num dia por aqueles que o viviam em tempos várias vezes ao longo do ano e o compunham de vida, e sendo a *axis mundi* o início de um lugar, a leitura dos padrões veio ao encontro deste conceito passe para uma proposta de projeto dentro deste padrão do lugar.

Esta leitura de padrões, torna-se cada vez mais importante e essencial na prática da arquitetura nos dias de hoje, onde não procura a construção de elementos somente estáticos e sem vida, mas sim inseridos numa dinâmica de ligações e sinergias de culturas e arquitetura.

Como ideia estruturante que veicula da existência de uma linguagem de padrões, que por mais remotos e ancestrais, se pretende diagnosticar como ainda vivos e úteis à ação e leitura dos objetos arquitetónicos, este trabalho afasta-se do debate sobre património e a patrimonialização, evitando todas as suas falácias e alegorias, que caminham desde a reabilitação, passando pelo restauro e pelo *pastiche*, e desemboca no atentado da artificialização da arquitetura do passado, que encontra no turismo de massas e na ideia dos parque temáticos a sua máxima expressão.



## ROTEIRO PELA SRA. DA GRAÇA



- Ponte Romana sobre a Ribeira de Nisa



- Muralhas



- Acessos à Igreja



- Capela



- Nascente de Água



- Igreja sra. da Graça



- Forno comunitário



- Fonte de Água

**PONTE ROMANA**



Figura 33 - Entrada da Ponte Romana com vista para a Ermida de Nossa Sra. da Graça



Figura 34 - Início do caminho pela Ponte Romana





Figura 35 - Pormenores da Ponte 1



Figura 36 - Pormenores da Ponte 2

**MURALHAS**



Figura 37 - Subida pela Ponte Romana com vestígios das Muralhas



Figura 38 - Estrada construída por cima das Muralhas Exteriores





Figura 39 - Muralha Exterior



Figura 40 - Pormenor da Muralha Exterior



ACESSOS



Figura 41 - Acesso Secundário para a Capela



Figura 42 - Acesso Principal de Peregrinação para a capela no Topo



Figura 43 - Chegada às Escadas da Capela à direita



Figura 44 - Vista para Nisa à chegada da Capela de Nossa Sra. da Graça



**CAPELA NOSSA SRA. DOS PRAZERES**



Figura 45 - Chegada à Casa do Pastor



Figura 46 - Entrada com as colunas para a Capela da Nossa Sra. dos Prazeres



Figura 47 - Vista para o Exterior



Figura 48 - Entrada para a capela dos Prazeres



Figura 49 – Tecto pintado em Têmpra da Nossa Sra. dos Prazeres



**IGREJA NOSSA SRA. DA GRAÇA**

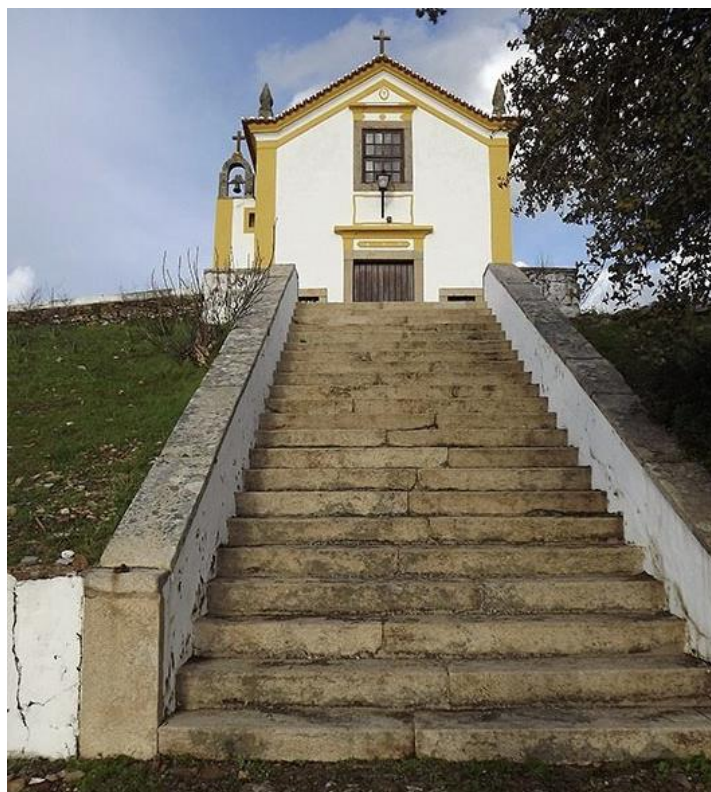


Figura 50 - Escadaria para a Capela de Nossa Sra. da Graça



Figura 51 - Vista lateral da Capela



Figura 52 - Vista do Interior para o altar da Capela de Nossa Sra. da Graça



Figura 53 - Pormenor do pavimento à Entrada da Capela de Nossa Sra. da Graça

## BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, C. (1979) - *The Timeless way of building*, Oxford University Press, New York, 1 volume

ALEXANDER, C. *et al* (1977) - *A Pattern Language*, Oxford University Press, New York, 2 volume

ALONSO, M. (1980) - *El Libro de los Signos*, Ediciones 29, Barcelona

BENEDICT, R. (2000) – *Padrões de Cultura*, Tradução de Alberto Candeias, Livros do Brasil Lisboa

BENOIST, L. (1975) - *Signos, Simbolos e Mitos*, Perspectivas do Homem, Edições 70

CEBOLA, C. (2005) - *Nisa – A outra História*, Edições Colibri, Câmara Municipal de Nisa

CHETWYND, T. (1986) - *Dicionário dos Mitos Sagrados*, Planeta Editora

DURAND, G. (1993) - *A Imaginação Simbólica*, tradução da 6ª edição, Perspectivas do Homem Edições 70

ELIADE, M. (2016) - *O Sagrado e o Profano – A Essência das Religiões*, Relógio D'Água Editores

FIGUEIREDO, J. (1989) - *Monografia de Nisa*, 2ª edição, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Câmara Municipal de Nisa

MURTA, J (1993) *Nisa – Origem e Desenvolvimento Urbano*, Câmara Municipal de Nisa, Portalegre

NORBERT-SCHULZ, C. (1976) - *Genius Loci – Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli New York, Edinburgh College of Art Library

SCHWANITZ, D. (2017) – *Cultura – Tudo o que é preciso saber*, 16ª edição, Publicações D.Quixote

## OUTRAS FONTES:

Entrevista a Peter Zumthor – Different Kinds of Silence – Youtube

<https://www.youtube.com/watch?v=lufVOqRWpLQ&t=1579s>